

MODERNIDADE E CARNAVAL EM PORTO ALEGRE NO SÉCULO

XIX

Caroline Pereira Leal

Mestranda em História pelo PPG/PUCRS/CNPq.

E-mail: carolpleal@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise acerca dos discursos sobre a modernidade veiculados pelos jornais que circulavam na capital da Província do Rio Grande. A partir do último quartel do século XIX, implementou-se uma nova forma de se brincar o carnaval em Porto Alegre: os préstitos e bailes promovidos pelas Sociedades Carnavalescas. Através desse novo carnaval, pretendia-se reformar a cidade – física e moralmente – para inserí-la no patamar das grandes metrópoles. Como esse discurso aparecia na imprensa da capital e era passado para a população da cidade? Isso é o que iremos analisar nesse artigo. Mãos a obra, então!

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade. Carnaval. Cidade.

MODERNITY AND CARNIVAL AT PORTO ALEGRE IN CENTURY

XIX

ABSTRACT: This article aims to make an analysis about the speeches on the modernity served by newspapers that circulated in the capital of the Province of Rio Grande. From the last quarter of the nineteenth century, put up a new way to play the carnival in Porto Alegre: The préstitos dances and promoted by companies carnavalescas. Through this new carnival, was to reform the city - physically and morally - to anchor it in the landing of large cities. How this speech appeared in the press of the capital and was passed to the city's population? This is what we will examine in this article. Hands to work, then!

KEYWORDS: Modernity. Carnival. City.

O que o carnaval da pacata Porto Alegre, lá do século XIX, teria a ver com a modernidade? Haveria alguma relação entre as práticas carnavalescas e o ideário moderno? É, justamente, isso o que esse artigo pretende apresentar: os discursos sobre a modernidade, subjacente nos textos dos jornalistas da época que não se cansavam de exaltar a introdução do novo carnaval.

Mas para começar, o que é a modernidade? Domenach (1995, p.23) afirma que a modernidade lhe parece “menos um período cronologicamente definido do que uma idéia reguladora (ou desreguladora), uma cultura, um estado de espírito (conjunto de aspirações, de pesquisas, de valores) que se impõe no final do século XVIII”. Para Santos (1998, p. 22) a

modernidade é um modo de civilização burguesa e secularizada que pode “ser caracterizada pela fé inabalável na Razão, pela crença indestrutível na idéia de Progresso e pela oposição resoluta à Tradição”. A tradição é identificada por ele “aos modos de pensar, de sentir e de agir que permanecem tributários do passado, enraizados nos hábitos e nos costumes” (IBID, p. 23).

Essa, portanto, é a forma como aqui se entende a modernidade. Não simplesmente sinônimo de modernização e progresso tecnológico, que separa as coisas em avançado e atrasado; mas, sim, como um modo de vida, o nosso ideário de civilização, que tenta buscar explicações para os problemas do cotidiano e que se definiria por um “jogo de signos, de costumes, de cultura que resultaram de mudanças técnicas, científicas e políticas ocorridas desde o século XVI” (BAUDRILLARD, 1982, p. 28).

E a cidade é o espaço da modernidade, “é o corpo social cuja integridade é necessária à felicidade de cada um” (TOURAINÉ, 1998, p. 24). Por isso é interessante analisar a modernidade a partir do século XIX, “quando [ela] ganha um aspecto mais particular, que foi o da crença da modernização do meio urbano como o único caminho que levaria ao desenvolvimento pleno”(NASCIMENTO, 1998, p. 123). E Porto Alegre se encontra no rol das cidades que atravessaram esse processo no século XIX, passando tanto por uma reforma urbana quanto por uma tentativa de introduzir novos costumes mais adequados a esta nova noção de civilização que colocaria a cidade no caminho das grandes capitais do velho mundo. É neste século que a “sociedade moderna se pensa em si mesma enquanto tal, em termos de modernidade e ela é vivida miticamente” (IBID, p. 123). Segundo Touraine (Op. Cit., p. 71), nos séculos XIX e XX, a modernidade:

(...) não está separada de modernização, o que já era o caso na filosofia do Iluminismo, mas ela se reveste de muito mais importância num século em que o progresso não é unicamente o das idéias, mas torna-se o das formas de produção e de trabalho, onde a industrialização, a urbanização e a extensão da administração pública transtornam a vida da maioria.

Para Nascimento (Op. Cit., p. 123), entretanto, haveria uma peculiaridade no “nascimento do nosso país no contexto moderno no mundo ocidental [...]: a relação íntima, direta e de amálgama entre o fenômeno urbano – somado ao progresso tecnológico e o processo de civilizar, que lhe são sempre inseparáveis – e as festas religiosas”. Ela argumenta que a instalação de bondes na cidade de Porto Alegre se deu com o objetivo de facilitar a ida das pessoas a esses festejos. O progresso tecnológico – representado pela instalação dos bondes – e o futuro desenvolvimento urbano teriam ocorrido em função da necessidade de

deslocamento das pessoas para assistir às festas religiosas, em especial as que eram realizadas no bairro Menino Deus, lugar, até então, de difícil acesso. A modernização com o intuito de “estar-junto” da festa e nós vamos mais além: não só o progresso tecnológico se deu por esse motivo, mas também uma tentativa de mudança dos hábitos ocorreu por causa da festa - no caso, o carnaval – ao se procurar alterar a tradição carnavalesca da cidade.

Em Porto Alegre, o entrudo era uma das formas mais populares de se brincar o carnaval, tanto entre a elite, quanto em meio aos populares. A partir de 1873, no entanto, estabeleceu-se um novo formato de festa: os desfiles e bailes das sociedades carnavalescas. Entre um seus objetivos, essa agremiações tinha a intenção de abolir as práticas entrudescas, pois o desenvolvimento pleno de uma cidade, passaria também por uma idéia de “faxina geral”, de saneamento, de cura da desordem, impondo o mesmo padrão de comportamento ideal para a sociedade, ou seja, o mesmo modelo de festa: o das sociedades carnavalescas.

O entrudo era uma brincadeira de origem ibérica, trazida para cá pelos portugueses, na qual os foliões atiravam entre si os limões de cheiro, água das seringas e até farinha” (KRAWCZYK, GERMANO, POSSAMAI, p. 16), onde os passantes eram, muitas vezes “pegos de surpresa e obrigados a resignar-se com as roupas molhadas ou sujas pelos brincalhões” (IBID, p. 16). O objetivo era mesmo molhar e sujar o adversário. “Era uma verdadeira batalha para molhar alguém com água jogada de balde, bacia ou seringa, com arremesso de limão de cheiro” (FLORES, 1999, p. 152). Nessa jogo “homens e mulheres se empenhavam em loucas correrias e agarramentos, jogando água. Era um salve-se quem puder!” (IBID, p. 152).

Em 1847, todavia, através do código de posturas municipais, a brincadeira foi proibida, tendo sido estipuladas multas para quem desobedecesse (Livro de Registros de Posturas Municipais, 1847). Segundo Weber (1992, p. 8), esses códigos, formulados pelas autoridades locais, é que “regularão o dia-a dia da população. Estes eram um conjunto de normas que estabeleciam regras de comportamento e convívio para uma determinada comunidade, demonstrando a preocupação com a preservação da ordem e a segurança pública, incluindo aí as relativas á saúde pública”. Monteiro (1995, p. 30) também afirma que “antes dos planos de urbanização, [os Códigos de Posturas] eram importantes instrumentos de controle político do meio urbano”. Apesar da tentativa das autoridades em tentar deter o jogo, ele continuava existindo e foi somente partir da segunda metade do século XIX, por causa do medo das epidemias de cólera, que sua popularidade baixou. Segundo Weber (Op. Cit., p. 98) em meados do século XIX,

Porto Alegre sofreu ameaças de epidemias, fazendo parte das cidades atingidas no Brasil, em 1855, pela cólera. Essas ameaças foram constantes na década de 1850, destacando-se de febre escarlatina em 1850 e 1853, provavelmente em consequência do cerco da cidade na década de 1840, do aumento da população, devido a presença de tropas durante a Revolução Farroupilha, e do comércio com a área colonial, que não foram acompanhadas, imediatamente, de condições urbanas ideais para enfrentar uma maior concentração populacional.

Em decorrência destas epidemias – cólera, tifo e tísica – e das proibições e multas estabelecidas pelos Códigos de Posturas Municipais, a popularidade do entrudo decaiu, acarretando um relativo desaparecimento desta brincadeira, para a o deleite de seus críticos (FERREIRA, 1970, p.11). Entretanto, após um período de aproximadamente 20 anos no qual houve um refluxo das práticas entrudescas na capital do estado, a partir de 1870 ocorreu um renascimento da brincadeira. Com isso, os periódicos da capital passaram a condenar de forma veemente o retorno deste jogo e a defender a implantação de uma nova forma de se brincar o carnaval, mais sofisticada e moderna, que trouxesse a Porto Alegre o requinte dos carnavais da Corte e de Veneza.

Entre os argumentos mais utilizados pela imprensa porto-alegrense para condenar as práticas do entrudo estava o que atribuía ao jogo um caráter de ameaça à saúde pública, utilizando as recentes epidemias ocorridas na capital como forma de amedrontar os foliões e dissuadí-los de entrudar. O tifo, a tísica, e a febre eram lembrados com o intuito de abolir definitivamente essa prática dos costumes da cidade. Note-se que Porto Alegre, em fins do século XIX, vai passar por uma higienização, tanto física quanto moral, pretendendo estabelecer novos padrões de conduta e de sociabilidade naquele fim de século. Além da higienização física, pretendia-se “moralizar” a sociedade porto-alegrense, sobretudo as mulheres. Assim, a introdução do novo Carnaval, das sociedades carnavalescas, é feita, também, com um sentido de saneamento, de desenvolvimento, de tornar Porto Alegre uma cidade a altura das demais cidades civilizadas do mundo

Cláudia Mauch, ao pesquisar dois jornais porto-alegrenses (Gazeta da Tarde e Gazetinha) do final do século XIX, afirma que com grande frequência, os termos desordem e imoralidade apareciam em suas páginas. Segundo a autora (MAUCH, 1994, p. 4),

(...) para esses jornais, não eram considerados perigosos apenas as meretrizes, gatunos, vadios e desordeiros, mas todos os habitantes das zonas mais pobres da capital que não se enquadravam no modelo de ‘bom trabalhador’ e que viviam em ambientes física e moralmente degenerados, constituindo então a ‘escória’ ou a ‘parte ruim da sociedade’. A periculosidade dessas pessoas foi construída a partir da identificação da sua

aparência física, do seu comportamento desregrado, do seu tipo de trabalho e local de moradia.

Segundo esses jornais, “a polícia deveria impedir que a ‘parte ruim’ da sociedade contagiasse a ‘parte sã’, proibindo a circulação de turbulentos e prostitutas em locais freqüentados por famílias [...]” (IBID, p. 12). Em suas campanhas de saneamento moral, ambos jornais pesquisados pela autora acabavam generalizando “os adjetivos de desordeiros e imorais para todos os habitantes de zonas pobres de Porto Alegre. Pode-se dizer que lá onde existia diversidade e um modo de vida diferente do das elites, os jornais enxergavam o espaço das ‘classes perigosas’” (IBID, p. 14). Podemos sugerir, portanto, que a introdução desse novo carnaval, do carnaval das elites, tenha sido também, um primeiro passo nessa tentativa de saneamento físico e moral da cidade de Porto Alegre, seguindo os moldes do ideário da modernidade, tendo em vista a noção do inabalável progresso na qual se estruturava sua própria concepção de mundo.

E foi com este objetivo que, no ano de 1873, foram fundadas – em Porto Alegre – as duas tradicionais sociedades carnavalescas: *Esmeralda Porto-alegrense e Os Venezianos*. Essas agremiações realizavam préstitos burlescos e de gala, nos quais seus sócios desfilavam luxuosamente vestidos. Apresentavam, também, carros de sátira, onde faziam críticas à questões da atualidade. Após os desfiles, dirigiam-se para os salões, nos quais realizavam o baile somente para os associados. Note-se que ambas foram criadas com o mesmo propósito, acabar com o entrudo, que passara a ser considerado algo bárbaro e não condizente com os hábitos de Porto Alegre.

Dessa forma, em 1874, os jovens das “boas famílias” iriam realizar o primeiro desfile em carros abertos, esperando o aplauso e o reconhecimento dos que os assistiam, instituindo – o que eles acreditavam ser – o verdadeiro Carnaval. Vejamos como a mudança foi percebida pelo periódico *A Reforma*:

O inconveniente jogo de entrudo foi este ano substituído completamente, nesta cidade, pelo Carnaval.

Deve-se este acontecimento às sociedades carnavalescas “Venezianos” e “Esmeralda”, que foram os iniciadores da reforma, secundados pelos habitantes, que visando mais um progresso, firmaram a abolição do entrudo e concorreram gostosos para o abrilhantamento da festa carnavalesca.

Nas principais ruas da cidade, não se viu jogar um só limão; e nas menos populosas aconteceu outro tanto. (*A Reforma*, 19 de fevereiro de 1874).

O entrudo, já tinha, no passado, sido objeto de críticas; agora, entretanto ele era “tratado pela imprensa como o grande inimigo da civilização e do progresso dos costumes da

pacata Porto Alegre” (LAZZARI, 2001, p. 58). Jogada com grande animação pela população, a brincadeira era, “apontada como antiquada e bárbara tradição, recebia ataques e reclamações por parte dos jornalistas”(IBID, p. 58).

A tradição – que segundo as palavras de Santos citadas acima, é identificada com os modos de ser do passado, enraizados nos hábitos e costumes – era refletida no entrudo, que passara a ser considerado algo inconveniente, grosseiro, selvagem, sem civilização. Por conseguinte, deveria ser trocada pela inovação burguesa – o desfile de ilustres em carros decorados – que representaria o avanço tecnológico e, fundamentalmente, comportamental dos habitantes da cidade de Porto Alegre, rumo ao progresso. Lembremos que Santos afirma ser a modernidade uma inovação burguesa que se coloca contra a tradição.

Segundo Touraine, no século XIX, a idéia de progresso era entendida como uma nova etapa da evolução humana. E ao sair do plano das idéias e sob o uso da razão passou a organizar o todo social: políticas públicas, formas de organização do trabalho, atividade de lazer, como por exemplo, no caso da forma de se brincar o carnaval. Dessa forma, as mudanças são sempre entendidas como o triunfo do moderno sobre o tradicional. Vejamos a citação que aparece no jornal *A Reforma*, em 1875:

A cidade de Porto Alegre deve estar orgulhosa de reconhecer em seus filhos desta época, jovens de idéias tão adiantadas, e tão entusiastas do progresso, que não hesitaram em fazer, a porfia, tão grandes sacrifícios, a fim de extirpar do seio da mãe pátria essa feia nódoa, que a envergonhava aos olhos das nações.

Honra, pois, a essa mocidade que, em todos os cometimentos da esfera do conhecimento e da moralidade, não cedem a palma aos países mais antigamente civilizados, e que mais se distinguem nas vias do progresso humano (*A Reforma*, 14 de fevereiro de 1875).

A idéia de construção de uma sociedade melhor no futuro, apresentada pelos jornais, difundia entre esmeraldinos e venezianos a convicção de que eles deveriam lutar para realizar a transformação de sua cidade. Vê-se, pois, que o espírito da modernidade, permeava pelo menos uma parcela da sociedade, fazendo com que os jovens que criaram as sociedades carnavalescas tivessem a pretensão de se transformarem em sujeitos de sua história, ou seja, de pensarem que poderiam, através de sua própria ação organizada, conquistar melhorias e transformar a sociedade em que viviam, pois “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, auto-transformação e transformação das coisas ao redor...” (BERMAN, 1986, p. 15).

Segundo Santos (1998, p. 26), na argumentação da modernidade a história é a lógica da superação, tudo deve mudar e,

(...) é como consequência desse sentido progressivo que o que se encontra mais próximo do fim do processo, isto é, aquilo que é mais avançado ou mais desenvolvido é também mais valorizado: o mais avançado é o que melhor corresponde ao ideal de emancipação ou, o que é a mesma coisa, ao ideal de realização da civilização.

Ainda segundo o autor, esse ideal é “desde o século XIX, confundido, consciente ou inconscientemente, com a forma do homem europeu moderno” (IBID, p. 26). Dessa forma, o carnaval também deveria mudar, e na concepção dos articulistas dos jornais, o carnaval das sociedades deveria ser muito valorizado, por ser mais desenvolvido, avançado – em contraposição ao grosseiro e rude entrudo – e, portanto, representar o ideal de civilização, já praticado em outros países do mundo, numa idéia de história teleológica da humanidade. Esse trecho também evidencia uma noção de caráter impositivo da modernidade, onde o centro (países desenvolvidos/ Europa) seria o modelo para as demais sociedades, ou seja, para a periferia.

Entretanto, de acordo com Lazzari (Op. Cit., p. 54), “em vez de realizar a tão sonhada modernização e homogeneidade de costumes que os jornalistas e intelectuais porto-alegrenses” sonhavam, o carnaval das sociedades carnavalescas, na verdade, reforçou e cristalizou diferenças e preconceitos, ao mesmo tempo em que expressou as “rivalidades pessoais e políticas de seus protagonistas” (IBID, p. 54).

No Brasil é usual a idéia de um projeto de modernidade inacabada. Essa concepção coloca a industrialização como “fator por excelência da homogeneização das diferenças” (PEREZ, 1998, p. 18), que permitiria aos países subdesenvolvidos, um dia, tornarem-se desenvolvidos. Isso, entretanto, seria uma visão um tanto limitada da modernidade, pois ao associar a:

(...) modernidade única e exclusivamente a fatores de ordem técnica, confunde um processo mais geral, relacionado a um dado modo de civilização – a modernidade – com a aplicação de políticas de reforma econômica, social, administrativa, urbana, etc. Dito de outro modo: a idéia de modernidade se confunde com uma concepção puramente endógena da modernização, tendo como contrapartida uma visão nostálgica e romântica do rural, uma espécie de ‘mito do campo’ (IBID, p. 18).

É, justamente, isso que se percebe na fala de Xilocomã, articulista do jornal *A Reforma*, a respeito dessa nostalgia do campo, traduzida no descontentamento com a substituição do velho entrudo pelo novo carnaval. Xilocomã vê no novo carnaval os reflexos da modernização, de avanços técnicos e científicos. Contudo, isto é visto por ele de uma forma negativa, o que acaba por gerar uma visão nostálgica do campo, ou o mito deste:

Mas, amigo Maneco, a grandeza encobre o crime.
 O modernismo é do carnaval; quem não é sócio da Esmeralda ou dos Venezianos não é filho de boa gente.
 O carnaval tem a seu favor o voto da imprensa, dos comerciantes, das modistas, dos alugadores de carros, dos empresários de teatros, dos vendedores de flores, dos cabeleireiros; e o entrudo tem contra si a perseguição da polícia; a condenação do Sr. Dr. Ledo Vega que, apesar de distinto mocetão, tem medo das molhadelas; a reprovação unânime dos homens sérios que calçam máscaras e usam barbas postiças!
 Pobre entrudo, heróico carnaval!... Diria o gênio da moderna eloquência acompanhando o voto da opinião!
 Pobre entrudo, heróico carnaval!... Dirão todos, menos eu!... (A Reforma, 18 de fevereiro de 1875).

Lazzari (Op. Cit., p. 84), em seu estudo sobre o carnaval porto-alegrense nesse período, já ressaltava como é “curioso o modo como via [Xilocomã] o “modernismo” no carnaval sob um juízo negativo, relacionado a diversas atividades que impulsionavam a vida urbana, como a imprensa, o comércio e os empresários de diversões”. Além disso, entre as características desse carnaval moderno, apontadas por ele, estaria a discriminação: moderno só o seria quem participasse da Venezianos e Esmeralda, ou seja, quem fosse filho da “boa gente”.

O articulista não via razão em se combater os velhos costumes, pois para ele o progresso é que trazia a corrupção. Ele via essa série de reformas sociais, econômicas e urbanas, refletidas no novo carnaval negativamente, pois “o puro e o autêntico estaria nos costumes simples do campo e do passado” (IBID, p. 84). Nas palavras de Touraine (Op. Cit., p. 80), o que o articulista sentia era a “nostalgia do ser”, uma saudade da estabilidade da pré-modernidade, pré-revolucionária, “o princípio de unidade do mundo natural e do mundo humano, e por isso de uma visão racionalista, que não cessará de se fortalecer antes de se tornar a força principal de reação intelectual contra a modernidade”. Esse movimento, na estética, terá voz no romantismo, numa tentativa de reencantamento do mundo.

Ainda para Touraine (IBID, p. 70), a modernidade ocidental passou a ser vista como sendo uma revolução que todos os povos deviam seguir, pois dentro dessa visão teleológica da história, onde o tempo tem uma finalidade a ser atingida, a idéia de revolução está muito

presente: “o historicismo e sua expressão prática, a ação revolucionária, mobilizam as massas, em nome da nação e da história, contra as minorias que bloqueiam a modernização para defender seus interesses e privilégios”. Esse é o discurso aqui apresentado, apesar dos papéis dos atores sociais estarem invertidos. Quer-se uma revolução, uma revolução de costumes que permita a Porto Alegre ingressar no rol das cidades modernas e civilizadas. Essa transformação radical, que pretende mobilizar a massa para romper com a antiga tradição, será levada a cabo pela minoria, representada por esmeraldinos e venezianos que têm como nobre missão trazer idéias adiantadas e civilizadas.

A nossa cidade está em revolução, mas essa é pacífica, e contudo regeneradora; promovem-na os sócios das sociedades carnavalescas, que andam aí abaixo e acima, pondo todos em alvoroço.

E é nobre a sua missão; e à população desta cidade compete agora secundar os esforços que faz a mocidade animando-a. Como os antigos paladinos da Idade Média, que batiam-se galhardamente só para receberem em troca um sorriso, ou uma lembrança grata da dama de suas afeições, assim também venezianos e esmeraldinos, à porfia, se atiram à luta, aspirando, como único galardão, a uma recepção estrondosa, a uma manifestação de simpatia; mas as suas armas são mais delicadas, e a sua causa é mais nobre que a daqueles, pois eles batem-se pela civilização, pela inoculação de idéias adiantadas, enquanto que aqueles somente o faziam para satisfazerem um capricho pessoal, sem fim algum, nobre, que os justificassem.

Nós saudamos com verdadeiro entusiasmo os iniciadores e sustentadores dessa idéia grandiosa (A Reforma, 08 de fevereiro de 1875).

A idéia de revolução no trecho apresentado, não é a noção de ruptura, mas sim a de evolução, com a qual Touraine também concorda. Uma revolução, mas uma revolução regeneradora. Segundo Bulhões (2000, p. 156), em um estudo sobre a modernidade na América Latina, uma das características desta é o seu caráter conservador:

(...) não há rupturas radicais, mas tentativas de construir continuidades e recuperar raízes. Uma modernização que enseja, ao mesmo tempo, transformações que atualizem as elites locais em relação as suas congêneres européias e a preservação dos privilégios dessas mesmas elites, pois a consolidação do modernismo na América latina [...] expressa a esperança no mundo moderno, urbano e industrializado.

A tentativa de mudança das práticas carnavalescas em Porto Alegre evidencia esse caráter. Queria-se trocar a brincadeira tradicional por outra considerada mais moderna e civilizada, inspirada em modelos europeus e já praticada na Corte. Dessa forma, esmeraldinos e venezianos – filhos da “boa gente” – poderiam, através dos desfiles burlescos, mostrar suas

marcas de distinção, não misturando-se, nem igualando-se aos populares, como ocorria no jogo do entrudo.

O que, destarte, articulistas e intelectuais pregavam nas páginas de seus jornais era que, através das sociedades carnavalescas se conseguisse:

(...) um progresso simbólico, uma cidade livre de costumes atrasados como o entrudo e adotando no carnaval os ideais do século XIX e as práticas da Corte e da civilização européia, indicando o crescimento de um novo espírito público mais auto-confiante e progressista, mesmo diante de toda a precariedade material da capital (LAZZARI, Op. Cit., p. 107).

Através da análise dos artigos publicados nos periódicos da capital da província do Rio Grande podemos perceber elementos de discursos sobre a modernidade veiculados em suas páginas, a partir do último quartel do século XIX. Articulistas, congruentes com a nova festa que estava chegando com as sociedades carnavalescas, expressavam em suas palavras as relações existentes entre o ideário moderno e as práticas carnavalescas. Explicitavam o formato que deveria ter o festejo e como seus participantes deveriam comportar-se a fim de serem “homens modernos”: deveriam abandonar as práticas entrudescas e aderir ao Carnaval, que era para eles o verdadeiro representante da modernidade Assim, o entrudo foi representado como o grande inimigo da civilização, uma antiga e bárbara tradição, feia nódoa que deveria ser extinta dos costumes da cidade; enquanto o carnaval das sociedades Esmeralda e Venezianos passou a representar o progresso e a civilização, sendo impressionante a freqüência com que o “novo carnaval” era associado a esses termos. A transformação deveria ser total, substituindo aquele por este. A revolução deveria ser levada a cabo pelos filhos da Esmeralda e da Veneza, permitindo a Porto Alegre, assim, ter os ares da modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. Modedernité. In: *Biennale de Paris*. La modernité du temps. Paris: Editions Léquerre, pp. 28-31, 1982.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BULHÕES, Maria Amélia. Saudáveis oportunismos ou reflexões sobre a modernidade e a pós-modernidade na América Latina. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XXVI, n° 2, p. 151-168, dezembro de 2000.

DOMENACH, Jean-Marie. Dinâmica da modernidade. *Abordagem à modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval pôrto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970.

FLORES, Moacyr. Do entrudo ao carnaval. *Estudos Ibero-Americanos*, XXII (1) – junho, 1999.

LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas: Editora da Unicamp/Cecult, 2001.

MAUCH, Cláudia. Saneamento moral em Porto Alegre na década de 1890. In: MAUCH [et. al.]. *Porto Alegre na virada do século XIX: cultura e sociedade*. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. ULBRA/Ed. UNISINOS, 1994.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

NASCIMENTO, Mara. No movimento do bonde, a festa e a modernidade. In: TORRESINI, E. (Org.). *Modernidade e Urbanização no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

PEREZ, Lea. Notas reflexivas sobre a modernidade e a cidade. In: TORRESINI, E. (Org.). *Modernidade e urbanização no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SANTOS, Francisco. O acaso das origens e o acaso das finalidades. In: TORRESINI, E. (Org.). *Modernidade e urbanização no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

WEBER, Beatriz. *Códigos de Posturas e Regulamentação do Convívio Social em Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1992.

FONTES

A Reforma, 19 de fevereiro de 1874.

A Reforma, 14 de fevereiro de 1875.

A Reforma, 18 de fevereiro de 1875.

A Reforma, 08 de fevereiro de 1875

Livro de Registros de Posturas Municipais de 1829 a 1888. 4 dez. 1829. “Posturas Policiais da Câmara Municipal da cidade de Porto Alegre aprovadas pelo Conselho Geral da Província”. Porto Alegre, Typ. Do Commercio, 1847 (anexadas ao Livro de Registros das Posturas Municipais de 1829 até 1888). AHPA.

Recebido em: 09/06/2008

Aprovado em: 19/11/2008